

O Neoliberalismo na Imprensa Brasileira. Estudo Exploratório Sobre o Noticiário de Economia da Revista VEJA

Heloisa Golbspan Hercovitz
University of Flórida

RESUMO

Este trabalho de caráter exploratório aborda a adoção da perspectiva neoliberal no noticiário de Economia de Veja, a maior revista semanal brasileira. Uma análise de conteúdo de 16 reportagens presentes em oito edições selecionadas ao acaso em 1993 demonstra que VEJA apoia a perspectiva neoliberal de reforma econômica da América latina, defendida pela elite local, em oposição à perspectiva neoestruturalista. O trabalho apresenta uma painel da crise latino-americana, descreve as diferenças entre as duas correntes econômicas e discute como a visão neoliberal adotada pelos meios de comunicação reflete a ideologia dos grupos que os financiam. PALAVRAS CHAVE: Economia/América Latina/Revista Veja

RESUMEN

Este trabajo de carácter exploratorio aborda la adopción de la perspectiva neoliberal en el noticiario de Economía de VEJA, la mayor revista semanal brasileña. Un análisis de contenido de 16 reportajes presentes en ocho ediciones seleccionadas aleatoriamente en 1993 demuestra que VEJA apoya la perspectiva neoliberal de reforma económica en América latina, defendida por elite local, en oposición a la perspectiva neo-estruturalista. El trabajo presenta un panel de la crisis latinoamericana, describe las diferencias entre las dos corrientes económicas y discute cómo la visión neoliberal adoptada por los medios de comunicación refleja la ideología de los grupos que los financian.

PALABRAS CLAVES: Economía/América Latina/Revista Veja

ABSTRACT

This paper offers an exploratory study on the neoliberal perspective adopted by the conomic section of VEJA, the largest Brazilian weekly newsmagazine. A content analysis of 16 stories from eight issues randomly selected in 1993 shows that the magazine supports the neoliberal perspective of economic reform, praised by the local elite, as opposed to the neostructuralist perspective. The paper also briefly depicts the Latin American economic crisis, describes the differences between the two economic trends and discusses how the neloliberalismo adopted by the media indicates the ideology embraced by their financial supporters.

KEY WORDS: Economic/Latin American/Veja News Magazine

Este trabalho se propõe a analisar em que medida um órgão representante da grande imprensa brasileira apoia a adoção de medidas neoliberais ou neoestruturalistas dentro do contexto da reforma econômica, com base na situação econômica da América Latina e do Brasil em especial.

Segundo Altschull, os meios de comunicação refletem a ideologia dos grupos que os financiam. Chomsky vai mais longe ao afirmar que os meios de comunicação trabalham para a elite dominante. Gans alega que fontes de informação econômica e politicamente poderosas têm mais acesso aos meios de comunicação e, portanto, mais chances de inserir seus pontos de vista nos canais de comunicação (Shoemaker, 1991; Shoemaker e Reese, 1991).

Tomando como base o referencial teórico oferecido por Altschull, Chomsky e Gans, o presente trabalho formulou a seguinte hipótese: a revista *Veja* apoia a perspectiva neoliberal no noticiário sobre o andamento da reforma econômica na América Latina e, em especial, no Brasil. Dessa forma, *Veja* reflete o pensamento das elites brasileiras, que defendem o postulado neoliberal.

A grave crise econômica que se registrou na América Latina a partir da década de 1980, com enormes consequências sociais, políticas e culturais, é resultado de um conjunto de fatores internos e externos. No plano internacional, a região foi afetada pelo crescimento lento e instável da economia mundial, pela escassez de investimentos externos diretos e de financiamentos públicos e privados, pelas altas taxas de juros, e por uma forte política protecionista, coroada por uma atitude negativa em termos de cooperação internacional (Sunkel, 1992-1993a). No plano interno, muitas são as causas da crise, e elas estão associadas a diferentes características internas de cada país da região.

Pode-se dizer, no entanto, que após um período de desenvolvimento nas décadas de 50 e 60, a América Latina viveu nos anos 70 as consequências de uma política fiscal e monetária irresponsável e permissiva, controlada por estados intervencionistas e anti-democráticos. Incompetência, corrupção, excessiva burocratização e controle da atividade econômica são algumas das causas internas da crise latino-americana (Sunkel, 1992-1993a). A situação agravou-se com a primeira crise do petróleo em 1973 e explodiu com a crise da dívida externa em 1982.

Durante esse período, ao invés de adotar políticas de ajuste diante da crise do petróleo, e de utilizar o financiamento externo para corrigir problemas estruturais, os governos latino-americanos seguiram seus planos de expansão, certos de que podiam individuar-se indefinidamente (Sunkel, 1993b). As consequências dessa atitude foram trágicas, resultando no que se convencionou chamar de "década perdida." Para Sunkel, a "década perdida" não foi a de 1980, como a imprensa costumar repetir, e sim a de 1970.

Desde então, o processo histórico vivido pela América Latina vem sendo analisado sob duas óticas divergentes e que são, obviamente, derivadas de filosofias já existentes sobre políticas de desenvolvimento. De um lado, encontra-se a orientação neoliberal, oriunda da escola neoclássica e monetarista da Escola de Chicago. De outro, a orientação neoestruturalista nascida da revisão da teoria estruturalista e da política econômica clássica de Keynes, e inspirada no pensamento econômico de Prebisch desenvolvido na década de 1950 no Chile, junto à Cepal.

Neoliberalismo versus Neoestruturalismo

As diferenças entre as duas correntes econômicas são estruturais. Fundamentado em princípios utilitaristas e positivistas, o neoliberalismo vê o mundo dividido em economias nacionais que interagem em pé de igualdade. O neoestruturalismo analisa as economias nacionais como sendo partes integrantes de um sistema econômico global, organizado sob a forma centro-periferia. Mercado é a palavra chave para entender o neoliberalismo, assim como a aplicação de variáveis de curto prazo (fluxos e preços). A sociedade como um todo define o palco de ação do ponto de vista neoestruturalista, que opera com base em variáveis de longo prazo (acumulação de capital, conhecimento, recursos humanos e naturais).

A política neoliberal prevê a desregulamentação e a liberação de mercados e preços, a abertura da economia ao capital estrangeiro, a privatização de empresas e serviços públicos, a redução do papel do Estado na economia acompanhado do corte nos gastos públicos, a redução de taxas e impostos sobre rendas elevadas e o capital, e a neutralidade em relação à concessão de incentivos para exportação, entre outros aspectos. Estas medidas geram estabilização macroeconômica. Os ajustes devem seguir uma orientação monetária e fiscal do tipo recessiva.

Já a política neoestruturalista entende que o mercado é imperfeito e deve ser corrigido através da ação do Estado. O papel do Estado deve ser rediscutido e os gastos públicos mantidos sob controle. Há dúvidas quanto à eficácia de investimentos privados por grupos estrangeiros e associações entre capital estrangeiro e nacional.

Neoestruturalistas defendem o uso de incentivos para aumentar e diversificar as exportações e concordam com um programa parcial, caso a caso, de privatização de empresas públicas. Liberalização seletiva de preços, ajustes heterodoxos com recessão monetária e fiscal moderada, adoção de programas sociais e de desenvolvimento para combater a pobreza (educação, saúde, emprego) fazem parte do programa neoestruturalista. A estabilização econômica é prioritária, porém só será atingida através de negociações a médio e longo prazo. A reestruturação e abertura gradual do setor público deve ocorrer dentro de uma estratégia planejada de desenvolvimento.

O receituário neoliberal está embutido nos programas de reforma econômica em curso em vários países latino-americanos, com o apoio dos países industrializados, das agências internacionais de financiamento de programas em países em desenvolvimento, das empresas transnacionais e da imprensa financeira internacional (Sunkel, 1992-1993a; 1993b).

A reforma econômica de cunho neoliberal é considerada inevitável pelos economistas e vem sendo implementada em diferentes países em desenvolvimento. Os motivos que provocaram a reforma são muitos. Entre eles, destacam-se a crise do petróleo, a "estagflação" da década de 1970 e o colapso do sistema Bretton Woods (FMI e Banco Mundial), este último motivado pela adoção de um sistema financeiro internacional inadequado e agravado pela recessão mundial (Sunkel, 1993c).

Outras causas igualmente importantes que motivaram a reforma foram a onda conservadora da era Reagan-Thatcher; o colapso dos países comunistas, a expansão das companhias transnacionais e a consequente globalização dos

padrões de consumo, produção e transferência de tecnologia; a crise da dívida externa; e a outra face do período de desenvolvimento e industrialização protegida, revelada no final da década de 1960: desigualdades sociais, desequilíbrio macroeconômico e agitação política e social (Sunkel, 1992-1993a, Sunkel, 1993c).

Alguns países começaram a reforma econômica antes de 1986, como o Chile, a Bolívia e o México. Costa Rica e Uruguai aderiram à reforma entre 1986 e 1988, enquanto Brasil, Argentina, Colômbia, Peru e Venezuela, entre outros, integram a lista de reformistas a partir de 1990 (Banco Mundial, 1990).

A Situação do Brasil

O projeto neoliberal brasileiro foi iniciado pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello, eleito em 1990 e afastado do cargo por corrupção em 1992. O vice Itamar Franco freou o ritmo da reforma econômica ao assumir a Presidência. O país atravessa uma fase de grande instabilidade política devido às acusações de corrupção contra membros do Congresso e governadores de Estado. A revisão constitucional e a reforma fiscal previstas para 1993 foram adiadas. Segundo o ex-ministro da Fazenda Luis Carlos Bresser Pereira, nos últimos 13 anos o Brasil experimentou 12 planos de estabilização, 17 políticas salariais e 54 mudanças na política de preços (Veja, n.35, 1 de Set. 1993, p. 82).

O Brasil teve a mais alta inflação na região -- 1.131,5% ao ano em 1992, segundo dados do Banco Mundial -- num período em que todos os outros países latino-americanos conseguiram reduzir suas taxas de inflação, registrando uma média geral de 478,5% ao ano. O crescimento do salário mínimo real no Brasil no período 1980-1990 foi de -46,0% (Serra, 1991). Quarenta por cento dos 150 milhões de brasileiros (60 milhões) têm menos de 17 anos. Desse total, 18 milhões de crianças e jovens vivem em famílias com renda per capita de no máximo um quarto do salário mínimo, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Em Novembro de 1993, o salário mínimo brasileiro era de 15 mil cruzeiros reais, equivalentes a aproximadamente 75 dólares.

Dados do Banco Mundial indicam que na última década, o número de pobres na América Latina aumentou de 26% para 31%, formando um contingente de 130 milhões de pessoas das quais 44% vivem no Brasil. O Ministério do Planejamento brasileiro estimou o valor do déficit público para 1994 em 31,5 bilhões de dólares, enquanto a dívida externa se mantém no patamar de 110 bilhões de dólares. O relatório da Cepal em 1992 informa que o produto interno bruto de toda a América Latina, sem a participação do Brasil, aumentou 4,3% no ano passado. A taxa cai para 2,4% quando inclui o Brasil (Veja, n. 20, 19 de Maio de 1992).

De acordo com o Banco Central, em 1990 os investimentos estrangeiros no Brasil em milhões de dólares foram de -1.163 e o financiamento externo oficial para o país ficou em -3.003 no mesmo período (Serra, 1991). Pesquisa da Price Waterhouse e Câmara Americana de Comércio de São Paulo indica que entre 27 países pesquisados da América, Europa e Ásia, o Brasil é o que apresenta mais restrições constitucionais ao capital estrangeiro. (Veja, n.46, 17 de Novembro de 1993). No Brasil, as seguintes áreas estão protegidas por lei contra o capital estrangeiro: petróleo, mineração, bancos, telecomunica-

ções, saúde, transportes marítimos, previdência e energia. Chile e Panamá protegem o petróleo, enquanto a Venezuela impede o acesso de grupos estrangeiros a bancos e à mineração. O México protege bancos, petróleo, previdência e energia.

A Constituição de 1988 afastou os investidores estrangeiros. Em 1991, o Brasil recebeu 1,6 bilhão de dólares em investimentos diretos, enquanto o México recebeu 4,7 bilhões e a Argentina, 2,4 bilhões, de acordo com a Câmara Americana de Comércio de São Paulo (Veja, n.46, 17 de Novembro de 1993).

Método

O presente estudo, de caráter exploratório, apoia-se na análise de conteúdo das reportagens de fundo sobre economia e negócios da revista *Veja*. Principal veículo da editora Abril, *Veja* é a maior revista semanal de informação no Brasil, com circulação aproximada de 760 mil exemplares por edição, conforme a seção "Mapa da Mídia" da revista *Imprensa*, em Julho de 1993.

De um total de 41 edições da revista, publicadas no período de 10 meses, de Janeiro a Outubro de 1993, foram escolhidas ao acaso 8 exemplares por meio de uma tabela de números independentes, como recomenda Krippendorff (1980). O tamanho da amostra é compatível com o caráter exploratório da pesquisa. Dezesseis reportagens de economia e negócios foram analisadas sob dois aspectos: o conteúdo manifesto e o conteúdo latente. Segundo Babbie (1989), a utilização simultânea das duas formas de interpretação do conteúdo aumentam o grau de validade da pesquisa.

O conteúdo manifesto das 16 reportagens foi classificado de acordo com 9 critérios: cinco relacionados com a escola neoestruturalista e quatro, com a escola neoliberal. São eles:

Escola Neoestruturalista:

- Diversificação e Incentivo às Exportações;
- Adoção de Políticas Sociais e de Desenvolvimento (educação; empregos, programas de saúde) Conectadas à Reforma;
- Racionalização do Estado;
- Programas de Crescimento a Longo Prazo;
- Adoção de Políticas de Proteção ao Meio Ambiente Conectadas à Reforma Econômica.

Escola Neoliberal:

- Balanço macroeconômico (inflação, déficit público); Liberalização e desregulamentação da economia;
- Abertura da Economia ao Mercado Externo (investimentos estrangeiros, liberação de importações)
- Redução do Papel do Estado (privatização, corte nos gastos públicos).

Resultados e Análise

A análise exploratória confirmou a hipótese de que Veja apoia a visão neoliberal da reforma econômica. O estudo contou 40 argumentos neoliberais contra 9 argumentos neoestruturalistas no conjunto das 16 reportagens. Os argumentos neoliberais mais frequentes foram Abertura da Economia ao Mercado Externo (15 vezes) e Redução do Papel do Estado (14 vezes). Os argumentos neoestruturalistas mais frequentes foram Adoção de Políticas Sociais e de Desenvolvimento (5 vezes) e Diversificação das Exportações (2 vezes).

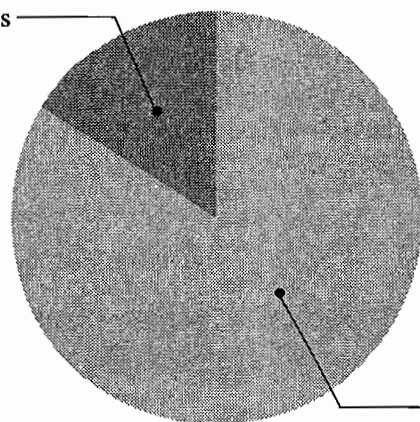
Observou-se o predomínio de critérios neoliberais num total de 81.7% contra 18.3% de critérios neoestruturalistas. Entre os critérios neoliberais enfatizados por Veja, Abertura ao Mercado Externo registrou proporção de 37,5% e Redução do Papel do Estado, 35%. Entre os critérios neoestruturalistas, Adoção de Políticas Sociais e de Desenvolvimento foi mencionada numa proporção de 55% e Diversificação de Exportações, 22%. (Veja os gráficos a seguir).

Argumentos	Frequência	Frequência Relativa
Neoliberais	40	0.817 (%)
Neoestruturalistas	9	0.183 (%)
Total	49	1.00

Neoestruturalistas	Frequência	Frequência Relativa
Exportações	2	0.22 (%)
Políticas Sociais	5	0.55 (%)
Racionaliz. Estado	1	0.11 (%)
Cresc. Longo Prazo	-	-
Pol. Meio Ambiente	1	0.11 (%)
Total	9	0.99

Arg. Neoliberais	Frequência	Frequência Relativa
Balço Macroec.	7	0.175 (%)
Liberalização Ec.	4	0.1 (%)
Abertura Externa	15	0.375 (%)
Redução do Estado	14	0.35 (%)
Total	40	1.00

Argumentos
Neoestruturalistas
18.3%



Argumentos
Neoliberais
81.7%

O conteúdo latente das reportagens analisadas foi categorizado de acordo com o sentido geral dos textos e títulos. Essa avaliação subjetiva coincidiu com os resultados da avaliação objetiva, determinada pela contagem de argumentos a favor de cada corrente econômica. Seguem exemplos de títulos das reportagens analisadas:

"A injeção estrangeira"

"O último da classe/Por que o Brasil anda para trás enquanto a América Latina cresce e escapa da superinflação"

"Um candidato a tigre mora ao lado" (Chile)

"O azarão da segunda divisão/A economia brasileira perde posição na corrida da competitividade no mercado internacional"

"Reação aos importados/ A indústria brasileira enfrenta os estrangeiros com produtos novos e de melhor qualidade"

"Fora do cercado/ Brasil torna-se base de exportação da Olivetti"

"Perigo na esquina/ Por que no Brasil os projetos urbanísticos pioram a vida dos cidadãos"

"Limite imaginário/ Com o fracasso dos projetos do governo na Amazônia, brasileiros debandam para os países vizinhos, onde já se pratica a ocupação racional da floresta"

"Cai a ditadura do aço"

"O choque da moda/ Com a desmoralização dos congelamentos, a farmacopéia dos economistas tem agora uma nova droga chamada dolarização a oferecer"

Na reportagem "Um candidato a tigre mora ao lado", publicada em 26 de Maio de 1993, pp. 48-53, *Veja* apresenta o Brasil como um perdedor junto com o Haiti, em comparação ao sucesso da reforma econômica no Chile. Os chilenos, diz a revista, optaram pela democracia e a despolitização dos temas econômicos. E fornece a receita chilena: "Caixa do governo em ordem, mercado desembaraçado, exportações e agilidade. Não há mais associação entre ditadura e economia de mercado."

Em "A injeção estrangeira," publicada em 28 de Abril de 1993, pp. 78-79, *Veja* critica a isenção de impostos dada pelo governo às montadoras de automóveis e elogia a importação de autopeças e peças em geral para aparelhos de televisão. "...A substituição reduziu o custo da produção, melhorou a qualidade e baixou o preço dos aparelhos nas lojas. O processo foi bom...mas teve uma consequência desagradável: milhares de empregos foram cortados."

Em "Cai a ditadura do aço", publicada em 15 de Setembro de 1993, pp.36-38, *Veja* comemora: "Fecha-se mais um ralo por onde escorriam todos os anos bilhões de dólares em desperdício, empreguismo e negociatas com fornecedores ... As 22 maiores estatais brasileiras consumiram na última década 21 bilhões de dólares e só devolveram 700 milhões de dólares ao Tesouro na forma de lucros. Não existe pior negócio no mundo."

Em "O último da classe", reportagem publicada em 19 de Maio de 1993, pp. 30-33, *Veja* anuncia que "o Brasil está perdendo acorrida do desenvolvimento numa raia em que seria fácil ganhar." Diz ser "impossível combater a pobreza, promover o crescimento e ficar popular, tudo ao mesmo tempo, dando uma atenção apenas secundária à bancarrota das finanças públicas", ao referir-se ao governo do presidente Itamar Franco.

Todas as reportagens analisadas e, em especial, as citadas acima, apresentam fortes componentes favoráveis à reforma de cunho neoliberal. No entanto, a reportagem mais importante publicada no período compreendido pelo estudo e também a mais longa procurou dar uma visão, ainda que

fragmentada e pouco objetiva, das duas correntes que dividem a atenção dos economistas latino-americanos.

Em 28 de Julho de 1993, Veja ocupou 10 páginas (pp.40-50) numa reportagem especial intitulada "Roberto Campos, Celso Furtado e a história da confiança e da desconfiança no Brasil ao longo de duas vidas e duas carreiras paralelas."

Campos, segundo a revista, acha que o Brasil vive num vale de desesperança por ser campeão das oportunidades perdidas. Sua lista de oportunidades perdidas começa com a construção de Brasília, "que sugou recursos e desajustou a economia," passando pela Lei de Informática, o Plano Cruzado, a moratória, a Constituição de 1988 e o Plano Collor.

Furtado, prossegue Veja, relaciona a desesperança dos brasileiros à constatação de que a crise é mundial e de que as forças que comandam a civilização vivem um processo autodestrutivo. "O objetivo não deveria ser sempre o crescimento, e sim a qualidade de vida...O estilo mundial não contribui para o desenvolvimento do Brasil. Nós precisamos de um projeto nacional." Veja encerra a reportagem dizendo: "É preferível ficar com Celso Furtado."

Conclusão

Os resultados do presente trabalho não podem ser generalizados devido ao caráter experimental da análise de conteúdo aqui conduzida e também em consequência da pequena amostra selecionada. No entanto, os resultados encontrados na amostra em questão apontam a clara tendência da revista Veja, durante o período analisado, de apoio à corrente neoliberal que vem sendo aplicada em vários países latino-americanos. Tal conclusão reforça a teoria de que a grande imprensa da região se alia aos interesses neoliberais das elites nacionais e dos grupos econômica e politicamente poderosos, que têm acesso garantido nos meios de comunicação.

Futuras análises de conteúdo das reportagens de economia e negócios da grande imprensa devem ampliar o tamanho da amostra e refinar a definição dos critérios das escolas neoliberal e neoestruturalista. A inclusão do levantamento das fontes de informação usadas pelos jornalistas, tais como economistas e as correntes de pensamento a que se filiam, relatórios de organismos nacionais e internacionais e análises produzidas pela imprensa financeira internacional, entre outras, poderá apontar novos caminhos aos que se interessam em desvendar as relações entre imprensa e sociedade na América Latina.

REFERÊNCIAS

Babbie Earl (1989). **The Practice of Social Research**. Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company.

Krippendorff, Klaus (1980). **Content Analysis, An introduction to Its Methodology**. Beverly Hills: Sage Publications.

Serra, José (1991, Setembro). O Brasil no panorama da economia latino-americana. **Boletín Alaic**, 5, 57-61.

Shoemaker, Pamela J. (1991). **Gatekeeping**. Newbury Park: Sage.

Shoemaker, Pamela J., & Reese, Stephen D. (1991). **Mediating the Message, Theories of Influences on Mass Media Content**. New York: Longman Publishing Group.

Sunkel, Osvaldo (Julho 1992- Junho 1993a). El Marco de la Reforma Económica Contemporánea. **Pensamiento Iberoamericano**, n.22/23, Tomo I, 15-55.

Sunkel, Osvaldo (Ed.). (1993b). **Development from Within: Toward a Neostructuralist Approach for Latin America**. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers.

Sunkel, Osvaldo (1993c). [Economic Reform- Rediscovering the Market and Searching for Development]. Material utilizado no curso Latin American Development at the Crossroads, University of Florida.

4º Salão Universitário de
Humor
de Piracicaba

PRÊMIO: R\$ 2.000,00

1 CICLO DE ESTUDOS SOBRE HUMOR NO BRASIL
1 CONCURSO NACIONAL DE MONOGRAFIAS SOBRE HUMOR
PRÊMIO: R\$ 500,00
INSCRIÇÕES: 1º DE MARÇO A 7 DE MAIO/95

REALIZAÇÃO:
Universidade Metodista de Piracicaba

EXPOSIÇÃO: 10 DE MAIO A 3 DE JUNHO/95 - CAMPUS TAQUARAL
8 A 24 DE JUNHO/95 - CAMPUS SANTA BÁRBARA D'OESTE

INFORMAÇÕES: UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA - UNIMEP
RUA RANGEL PESTANA, 752 - CX. POSTAL 60 - CEP 13.400-901
FONE: (0194) 33-5022 RAMAL 321 - PIRACICABA - SP

APÓIO:
 **INTERCOM**